

Cida Davoli

Psicodramatista, terapeuta de aluno e supervisora pela Febrap; Coord. dos psicodramas públicos do Centro Cultural São Paulo; professora do nível I e II do Getep

PSICODRAMAS PÚBLICOS

O diálogo eletrônico do presente volume foi realizado no primeiro semestre de 2011 com a psicodramatista Cida Davoli, que tem uma longa experiência com psicodramas públicos. A conversa foi inevitavelmente interessante.

Editor: Gostaria que você resumisse para o leitor seu percurso no psicodrama e dissesse como se interessou pelo psicodrama público.

Cida Davoli: Fiz a minha primeira formação de psicodrama no IPPGC de Campinas. Entrei em 1980 e saí em 1983. Eram três anos de formação. Digo minha primeira formação porque diria que já houve a segunda e me encontro numa terceira etapa.

A segunda formação foi em 1989, quando o Moysés Aguiar me convidou para ser professora da Cia. de Teatro Espontâneo, CTE. Nesta mesma etapa existia uma trupe da CTE e eu comecei a participar.

Dar aula em Tietê, onde funcionava a CTE, foi uma nova formação, resgatando o papel do teatro no psicodrama, o papel do grupo no fazer sacionômico, ajudando a me desvencilhar do forte ranço psicológico, individual, que tinha o psicodrama que eu praticava naquela época. Comecei a dar aula em 1990 e parei em 1996. Alguns anos que foram me aprimorando na arte de dirigir grupos de psicodrama – ou de TE, como chamávamos naquela época.

A trupe, à qual pertencia, tinha uma prática de psicodramas públicos, aos quais também chamávamos de teatro espontâneo. Realizávamos estes TE em teatros, em escolas, em bares, universidades. O trabalho em si, que era ver um grupo totalmente desconhecido, que afluía ao local determinado, criar uma peça, um “script”, uma história, com emoção, cooperativamente, às vezes nem tanto, era absolutamente instigante para mim. Foi aí que comecei a me interessar por eles.

Claro que eu era fã dos trabalhos desenvolvidos pelo Extramuros, e, mesmo anteriormente, pela Reo (Regina F. Monteiro), Carlos Borba e Ronaldo Pamplona e outros que faziam psicodramas públicos nesta época.

Os trabalhos desenvolvidos pela trupe da CTE, portanto, me colocavam num palco anteriormente já desejado.

E a minha terceira formação, que acontece neste momento, se inicia em 2003, entrando na coordenação dos psicodramas públicos do

Centro Cultural São Paulo-CCSP. Além de aperfeiçoar/ adaptar métodos e técnicas psicodramáticas, tenho me defrontado com desenvolvimento de uma parte importante do papel do diretor – investigador social – e me pergunto, e algumas vezes me respondo, qual é a “utilidade” social deste tipo de trabalho. Quais as transformações sociais que este trabalho cita. Qual é o retrato social que vemos nos sábados, no CCSP. Estas perguntas/respostas provocam mudanças na forma de se fazer e pensar psicodrama.

Mas o que me interessou, tanto no psicodrama como no psicodrama público, primeiro foi sua parte teatral, paixão cultivada desde sempre da minha vida. Pensar a vida em cenas. Nossos inúmeros personagens. Cenas que podem ser construídas, iluminadas etc..

O que me motivou e motiva principalmente aos psicodramas públicos foi uma intensa compaixão pelo proletariado psicoterápico de que Moreno fala. A vontade de potencializar um povo que, por políticas culturais-sociais e econômicas-midiáticas empobrecedoras, tem todo o seu capital afetivo dilacerado. Resgatar essa potência, através do psicodrama público, me motiva e me alimenta neste caminho.

Editor: Interessa-me sua paixão pelo teatro. Como tem feito a aproximação entre teatro e psicodrama? É algo mais teórico? É possível fazer isso na prática do psicodrama público, p.e..?

Cida Davoli: Muito boa a pergunta, porque é sobre isso mesmo que um dia gostaria de escrever.

Quando falamos em teatro, falamos de duas coisas: da literatura dramática (Shakespeare, Tchecov etc..) e também falamos da arte de se fazer teatro. Da arte de se narrar uma história através de cenas, de diálogos, de cenários etc... Da arte de transformar uma narrativa escrita em narrativa cênica. É essa segunda parte que me interessa para fazer uma articulação com o psicodrama. Paul Klee dizia: *a arte não reproduz o visível, ela torna visível*. Uma cena psicodramática precisa revelar, surpreender, inovar o “script” e o roteiro. Quem? Os atores do palco? Claro, os atores, mas também todo o grupo presente.

A narrativa do teatro aparece através de um diálogo de dois personagens, do cenário, da iluminação, de um efeito sonoro, do figurino. Mas é o diálogo entre personagens o que deve ser destacado.

Portanto, inspirada em leitura de diretores de teatro, como Peter Brook, Ariane Minouchkine, Pina Bausch, Brecht, e outros brasileiros, Antônio Araújo, Eduardo Tolentino, através de oficinas de teatro de que participei com Celso Frateschi, Roberto Lage, e tantos outros, procuro criar cenas no psicodrama, com “arte”. Procuro tornar visível algum aspecto da cena, do diálogo, do cenário etc... presente numa determinada dramatização, que fica escondido esteticamente, e necessita ser colocado em destaque. Estas minhas intervenções como diretora de psicodrama são absolutamente influenciadas por todas as informações/formações teatrais que tive na vida.

As cenas não ficam só mais bonitas, mas perdem sua linearidade, criam desdobramentos de sentidos, aparecendo uma *intensidade cênica* que contagia, que convida à participação.

A cena de psicodrama, às vezes, pode partir de uma narrativa verbal, sendo transformada em narrativa cênica. Este jogo dramático que surge no psicodrama precisa ser, depois da dramatização, retransformado em narrativa verbal/escrita pelos participantes. Não numa narrativa única, mas tantas quantas forem os participantes; portanto, quanto mais “estético”, mais “cubista” este jogo, mais elementos o grupo e cada pessoa terá para contar sua história.

Uma outra influência muito grande do teatro que tenho na minha prática psicodramática é a respeito do lugar da cena.

No teatro contemporâneo, alguns segmentos têm pesquisado o que denominaram os “espaços não convencionas de teatro”. Como exemplo desta pesquisa, temos o grupo Vertigem, encenando em igrejas, em presídios, no Rio Tietê: dramaturgias conversam muito melhor nestes espaços. O interesse destes espetáculos nestes diferentes espaços é que a quarta parede fica inexistente, ou quase, e o público torna-se, então um componente essencial do cenário, da dramaturgia. Isto é, a plateia não está fora da cena; ao contrário, é constituinte da cena. No psicodrama, todo espaço pode ser um palco psicodramático, mas, às vezes, vejo esta quarta parede, lamentavelmente, a que separa o palco da plateia, extremamente presente em psicodramas de que participo.

Muitas vezes, quando dirijo, mesclo cenas de “plateia” com cenas de “palco”, confundindo, mas também ampliando a narrativa daquele grupo.

Outras vezes desloco o lugar do “palco” para a plateia (ver artigo), provocando e estimulando a participação de todos.

Como exemplo de estética teatral usada no PP, poderia citar, diversas experiências, mas escolho uma realizada no CCSP, por ocasião do 5º aniversário, (ver relato completo no site [www.ccsppwordpress.com](http://www.ccspp.wordpress.com)), quando, após a dramatização de diferentes cenas, inclusive algumas cenas de plateia, o grupo vai ressoando toda a narrativa cênica que viu e viveu, numa profusão de poesias, sons, cantos bastante criativos. Quando alguém chega cantando “viver e não ter a vergonha de ser feliz”, provocando uma euforia no público pouco espontânea, neste momento peço para “segurem a música no gogó” e, em silêncio, escutarem a si mesmo, comporem novas letras para aquela música. A interrupção de um movimento repetitivo mantém um clima espontâneo.

Sinto necessidade de definir, muito sinteticamente, o que é psicodrama público para mim, nesta minha terceira formação. É colocar um grupo em diálogo, produzindo uma narrativa deste momento, que tem a ver com a história daquelas pessoas presentes, e também com o momento histórico-social que vivemos.

Editor: Como você vê o futuro do psicodrama? Passa pelos psicodramas públicos? Qual sua opinião (sei que é mero exercício de futurologia...) sobre o assunto?

Cida Davoli: Os grupos andam cada vez mais em crise. Cada vez menos psicodramatistas da área clínica têm grupos terapêuticos, por opção ou por impossibilidade de montar um grupo-incompatibilidade de horário de clientes, indisponibilidade para terapia de grupo. Este é um sintoma do nosso psicodrama hoje. Este é um sintoma de nossa sociedade. Cada vez mais individualista. Os psicodramatistas mais antigos contam que nos anos 70, chegavam a ter um grupo pela manhã e outro à tarde. Ainda que isso possa ser uma lenda, acreditemos que tinham um grupo por dia, ou mesmo três grupos por semana. Um cenário bem diferente de hoje. Tanto dos psicodramatistas como dos clientes de psicodrama. Passado. Presente. Mas entre os psicodramatistas da área socioeducacional, que trabalham em diferentes locais, sua prática é com muitos grupos. Um psicodramatista desta área vive o psicodrama eminentemente grupal. Nas escolas, ongs, empresas, o grupo é a forma consagrada de psicodrama.

Psicodrama terapêutico predominantemente individual - ou bipessoal. Psicodramas socioeducacionais em grupo. Esta é uma tendência para o futuro? O futuro dirá. Mas esta tem sido a tendência que podemos observar.

Outro dia, no CCSP, um frequentador bastante assíduo dos psicodramas públicos disse, jocosamente, que fazíamos uma propaganda enganosa... porque o que fazíamos era, na verdade, um sociodrama, e não um psicodrama público. Se lembramos da definição de Moreno *“...sociodrama tem sido definido como método profundo de ação que trata de relações intergrupais e de ideologias coletivas”* e, *“...o verdadeiro sujeito de um sociodrama é o grupo”*, este frequentador está coberto de razão. Muitos psicodramatistas já tentaram mudar este nome PSICODRAMA, consagrado universalmente, para socionomia, que seria a matéria por natureza da obra de Moreno. Mas essa nomenclatura predominou e, hoje, fazemos, sim, sociodrama, denominando psicodrama e vice-versa, o que gera muita confusão, ainda sobre o foco de nosso trabalho. Indivíduo de um lado, e grupo, sócio, por outro. Revelar, resolver os conflitos intergrupais, interrelacionais, entre indivíduos, através de cenas sociopsicodramáticas. A cena, pouco teorizada em nossa ciência, dá conta desta intersecção, destes dois polos - grupo e indivíduo. Os psicodramas públicos (ou sociodramas - que sempre são públicos) vislumbram essa nova tendência. A saúde individual depende da saúde coletiva, social, assim como o contrário também é verdadeiro. Pessoas mais saudáveis têm mais possibilidade de criar vínculos, redes, sociedades mais saudáveis. Lembrando Moreno: *“o EU advém dos papéis; não existe papel sem contrapapel; o papel é a menor unidade social, cultural”*.

Quem sobreviverá? **O psicodrama que integre o indivíduo e o grupo na mesma cena dramática.** Seja na escola, no consultório, nos centros culturais, na praça pública.

Editor: Cida, agradeço muitíssimo a disponibilidade e o ótimo papo. Um grande abraço.

Endereço:
Rua Purpurina, 131
cj 97, São Paulo - SP
Tel: (11) 9659-2484
e-mail: cidavoli@uol.com.br